

Você tem seus pais que a adoram, tem seus irmãos. Tem um lar, tem amigos, tem saúde, inteligência, é perfeita¹.

Momentos de tristeza, nostalgia, são próprios de todo ser humano. . . Sentimos uma saudade indefinida, sem saber do quê, de onde; talvez seja nossa alma que, sem compreendermos, sente saudades de nossa verdadeira pátria², tem ânsia de se libertar e se sente presa ao corpo.

Mas, para que sejamos recompensados, temos que aceitar a luta da vida, e nos esquecendo de nós mesmos, e procurarmos ajudar os mais carentes.

Só assim sentiremos alegria de viver, alegria de sermos úteis, porque todos nós somos importantes. Deus deu a cada um de nós uma missão a cumprir, um trabalho a realizar. . .

Um dia, você entenderá a sua missão; por enquanto, você deve se preparar, estudar, viver seus 15 anos com amor e inteligência, procurando sempre distinguir o certo do errado, a fim de evitar quedas. . .

Rogo sempre à Virgem Santíssima para protegê-la, inspirar-lhe tudo de bom e encaminhá-la na vida honesta e pura.

Confiamos em você.

E que a Virgem Santíssima lhe dê muita paz e felicidade.

Você é um dos motivos que me faz mais feliz a vida!!!

Te amo.

Sua mamãe."

¹ Dra. Maria Júlia quer dizer com "é perfeita": não possui qualquer defeito físico.

² A propósito, consultemos o item 25 do Cap. V de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, "A Melancolia" (François de Genève, Bordéus).

Pedro de Souza — MENSAGEM I

Querida Luzia, querida filha.

Deus nos abençoe.

Ainda me vejo bastante encabulado, depois de haver perdido o corpo, em companhia de nosso Pedrinho, mas o corpo que perdemos não é o verdadeiro.

Isso que usamos no mundo como sendo nós mesmos, é uma luva que pode ser retirada a qualquer momento, enquanto andamos por aí.

O Éder não teve culpa de me pedir fosse atender ao Flávio, que estava em dificuldade para sair das águas.

Pego a você pedir à Maria para que se conforme sem acusações para com os nossos meninos.

Todos eles sofrem com o assunto lembrado a qualquer hora, e isso resultará em sofrimento para nós todos, se continuar.

O Adriano, o Alexandre e o Éder estão numa idade muito melindrosa, idade de fotografar tudo o que se fala por dentro de casa, e muito me preocupa ouvir sua mãe a



Pedro de Souza

chorar e a dizer-se infeliz com os filhos que temos, mesmo porque os meninos são muito bons de coração, e não desejo que se tornem homens lastimando a vida.

A nossa Maria nos auxiliará, abstendo-se de repetir aquelas tremendas recordações que não têm razão de ser.

Peço a você dizer a ela que o meu avô Pedro, o Dr. Alberto e o Dr. Adalcindo nos ajudaram com muita segurança, e que tanto eu quanto o Pedrinho vamos seguindo bem.

Tive a permissão apenas para transmitir este pedido.

Querida filha Luzia, muito grato a você pela oportunidade de articular este recado.

Pede a Jesus abençoe os seus passos o papai sempre amigo,

Pedro

Pedro de Souza

MENSAGEM II

Querida Luzia, minha querida filha, Deus abençoe o seu coração e o seu caminho.

Estou aqui com o auxílio de amizades que me amparam o desejo ardente de enviar a vocês alguma notícia nossa.

Você sabe que seu pai não sabe escrever para encantar os olhos de quantos me leiam.

Não voltei para cá, premiado com certos conhecimentos que se fazem necessários para que se comece aqui uma subida aos montes da cultura espiritual.

Recordemos nós dois que trouxe comigo, além da

felicidade que a sua querida mãe e os filhos me deram, somente a alegria de ser devoto e festeiro em homenagem à Santa Rita.

Com isso, minha filha, quero declarar que, se trouxe algo de bom, foi a fé que me unia aos Altos Céus, sem que eu tivesse consciência disso.

Confiava em Deus e nos santos.

Para mim isso bastava, com a paz da família que sempre amei com extremada ternura.

Você e os nossos não conseguem imaginar as emoções que me tomaram, quando justamente no dia de nossa festa, entendi que me cabia salvar o Flavinho, que víamos em dificuldade nas águas do Paranaíba.

Atirei-me instintivamente naquele mar de águas grossas, e acabei me atrapalhando...

Senti que a terra me faltava aos pés e que se abria uma cava enorme, encoberta pelas águas.

Desci, inconsciente, por aquele abismo aberto, e mal sabia que o nosso Pedrinho também se jogou naquele mundo líquido, e encontrou outra abertura para baixo, sendo engolido por aquele solo que os de fora não conseguiam ver.

Meus últimos pensamentos foram para Deus, para a esposa e para vocês, os filhos que ficavam...

Estava sufocado, para pensar com acerto, e meus raciocínios vacilaram, até que não vi ou senti coisa alguma.

Somente depois, despertei com a proteção de meus avós, numa casa acolhedora, onde o Pedrinho já se achava à minha espera.

Não sei se você, minha filha, tão moça, como está, poderá avaliar o sofrimento de um pai que se reconhece

separado repentinamente da esposa e dos filhos que mais amo, e por isso meu pensamento se recusava a ver o que cercava para refletir em Porto Barreiro, onde havia deixado vocês.

Só a Bondade de Deus e o tempo me fizeram aceitar a realidade que eu não conseguia modificar, e desde então, com o nosso Pedrinho e com Mãe Augusta e outros amigos, me esforço para auxiliar a família, embora já esteja consciente de que apenas Deus consegue fazer a felicidade do nosso grupo doméstico.

Diga à sua querida Mãe, nossa querida Maria, que venho fazendo o possível para ser útil a todos os meus filhos, principalmente ao Herivelto e à Donátila.

Peço a vocês todos paciência e tolerância, de uns para com os outros, sustentando a paz de casa.

Por muito que eu pudesse fazer, e consigo ainda tão pouco, não poderia plasmar em cada um de vocês a paz e a alegria que lhes desejo.

Por isso, filha, entrego vocês todos a Deus, rogando à Providência Divina nos guie e nos abençoe.

Em família, quando aprendemos a calar para que outro fale mais alto, quando reconhecemos que todos somos portadores de defeitos que a Vida nos ensinará a corrigir, tudo segue com mais harmonia e segurança para a frente.

Estas palavras são as que dedico a seus irmãos, pedindo a Jesus a todos nos proteja e nos abençoe.

Diga à mamãe que o Pedrinho e eu a adoramos, e que ela vive em nossos corações, sempre mais a cada dia.

Querida filha, agradeço a você por haver tentado este encontro em que lhe falo com o meu coração nas

palavras, e receba com todos os nossos, as lembranças, as esperanças e os agradecimentos do Papai

Pedro de Souza

* * *

Deixando para a parte final deste capítulo os nossos ligeiros comentários sobre as duas belíssimas mensagens que acabamos de ler, lancemos mão do precioso material que os amigos Sr. Urbano T. Vieira e D. Ondina, acompanhado de gentil carta, datada de Araguari, 12/5/83, nos passaram às mãos.

Na Manhã do Adeus

Pedro Souza era festeiro novenário da Festa de Santa Rita, na novena de sábado, dia 1º de setembro de 1979, no Porto Barreiro, povoado à margem do rio Paranaíba, município de Araguari, Minas, para onde se dirigiu Pedro com familiares e amigos, em sua Kombi.

Como estava programada a procissão para domingo à tarde, permaneceram no local.

Domingo, de manhã, cerca de 9:00 horas, Pedro convida os familiares para uma chegada à beira do rio.

Desejava mostrar a paisagem e ilha próxima, para a sogra.

Acomodados à beira do grande rio, alguns sentados no barranco, Flavinho, sobrinho de Pedro, foi visto em dificuldades com as águas, ameaçado de afogamento.

Éder pede ao pai (Pedro Souza), socorrer Flávio.

Alguns familiares tentam entrar nas águas.

Um colega e amigo de Pedrinho (filho de Pedro Souza) consegue salvar Flavinho, mas Pedro Souza, que também acorreu ao salvamento de Flávio, começa a afundar...

Há gritarias e agitação.

Pedrinho, o filho, pula na água com a intenção de ajudar ao pai gritando para a mãe aflita:

— Fica tranqüila! Agora mesmo, estaremos de volta!

Depois, a aparente tragédia, o desaparecimento dos corpos, só encontrados na segunda-feira (o do pai, Pedro Souza) e na terça (o do Pedro, filho) seguintes...

Mensagem I, recebida a 14 de outubro de 1980.

1 - *Espírito comunicante:* Pedro Souza, nascido em Araguari, Minas, a 5 de agosto de 1930, e desencarnado, juntamente com o filho Pedro de Souza Filho, por afogamento, no rio Paranaíba, no município de Araguari, a 2 de setembro de 1979.

*

2 - *Luzia:* Luzia de Fátima Souza, filha de Pedro Souza, solteira, residente em Araguari.

*

3 - *Pedrinho:* Pedro de Souza Filho, nascido em Araguari, a 30 de agosto de 1962, e desencarnado junto com o pai, no rio Paranaíba, a 2 de setembro de 1979.

*

4 - *Éder:* Filho menor de Pedro Souza.

*

5 - *Flávio*: Menor, sobrinho de Pedro Souza.

*

6 - *Maria*: Maria de Oliveira e Souza, esposa de Pedro Souza, residente em Araguari, à Rua Dr. Ciro Palmerston, 381.

*

7 - *Adriano, Alexandre, Éder*: Filhos menores de Pedro Souza.

*

8 - *Pedro*: Avô de Pedro Souza, há muito desencarnado.

*

9 - *Dr. Alberto e Dr. Adalcindo*: Dr. Alberto Moreira e Dr. Adalcindo de Amorim, médicos humanitários, já desencarnados, há muitos anos, em Araguari, os quais, por seus méritos (deixaram largo exemplo de desprendimento cristão junto à chamada pobreza de Araguari, em seu apostolado médico), tiveram seus nomes agraciados pela municipalidade em tributo de gratidão e respeito, inclusive dados, por lei, a ruas da cidade.

*

10 - "O Éder não teve culpa de me pedir fosse atender ao Flávio, que estava em dificuldade para sair das águas." — Tudo o que o Espírito comenta é absolutamente autêntico e inteiramente desconhecido do médium Xavier.

A esposa, limitada por antigas concepções próprias, profundamente atingida pela inesperada separação do companheiro e do filho, traumatizada, passou a chorar constantemente e imensamente a sua amargurada inconfirmação, com a idéia fixa de uma suposta culpabilidade, inclusive dos filhos menores, principalmente Éder, pelo ocorrido.

Conduta, entretanto, exemplarmente modificada, após a recepção desta primeira mensagem e seu contato com a Doutrina Espírita, em cujo movimento assistencial, notadamente nas tarefas de sopa aos mais necessitados, se encontra vinculada, até o presente momento.

Hoje, D. Maria sabe aconselhar às demais criaturas em semelhantes situações, quanto à necessidade da aceitação e renúncia, compreensão e amor, diante dos Desígnios de Deus.

* * *

Mensagem II, recebida a 19 de novembro de 1982.

1 - "Devoto e festeiro em homenagem à Santa Rita": Prova inconcussa da autenticidade desta página mediúnica.

*

2 - *Porto Barreiro*: Povoado à margem do Rio Paranaíba, município de Araguari.

*

3 - *Mãe Augusta*: Genitora desencarnada de Pedro Souza.

*

4 - *Herivelto e Donátila: Filhos de Pedro Souza, residentes em Araguari.*

*

5 - "Atirei-me instintivamente naquele mar de águas grossas, e acabei me atrapalhando. . . / Senti que a terra me faltava aos pés e que se abria uma cava enorme, coberta pelas águas." — Remetendo o leitor ao Capítulo 3, acima; às páginas 112-115 de *Anuário Espírita 1964*¹; ao Capítulo 13 de *Presença de Chico Xavier*²; e às páginas 143-144 de *As Curas Milagrosas* (original inglês: *Miracle Cures for the Millions*), de G. Victor Levesque³; transcrevemos parte de um excelente estudo de Ernesto Bozzano, inserto na obra-prima que é *A Crise da Morte*⁴:

"Primeiro Caso

Extraio este fato de uma obra intitulada: *Letters and Tracts on Spiritualism*, obra que contém os artigos e as monografias publicadas pelo Juiz Edmonds, de 1854 a 1874. Sabe-se que Edmonds era notável médium psicógrafo, falante e vidente. Alguns meses depois da morte acidental de seu confrade, o juiz Peckam, a quem ele muito estimava, deu-se o caso de Edmonds escrever longa mensagem, em que seu amigo morto referia as circunstâncias de sua morte. As passagens seguintes são tiradas da mensagem em questão:

Se houvera podido escolher a maneira de desencar-

1 *Anuário Espírita 1964*, "Evidente demonstração de que a morte não é o fim", IDE, Araras, SP.

2 Elias Barbosa, *Presença de Chico Xavier*, 2a. edição, revista, 1979, IDE, Araras, SP, pp. 56-58.

3 G. Victor Levesque, *As Curas Milagrosas*, Trad. de Paulo Perdigão, Edições Bloch, Primeira edição brasileira: 1972, Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

4 Ernesto Bozzano, *A Crise da Morte*, segundo o depoimento dos Espíritos que se comunicam, Trad. de Guillon Ribeiro, FEB, Rio, 4a. edição, 1979, pp. 23-24.

nar, certamente não teria preferido a que o destino me impôs. Todavia, presentemente não me queixo do que me aconteceu, dada a natureza maravilhosa da nova existência que se abriu subitamente diante de mim.

No momento da morte, revi, como num panorama, os acontecimentos de toda a minha existência. Todas as cenas, todas as ações que eu praticara passaram ante o meu olhar, como se houvessem gravado na minha mentalidade, em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos, desde a minha infância até a morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia cuja natureza só agora comprehendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando mergulhei nas águas, não experimentei sensação alguma de medo, nem mesmo de frio, ou de asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas a se quebrarem sobre as nossas cabeças. Desprendi-me do corpo quase sem me aperceber disso e, abraçado sempre à minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos aconselhar e guiar.

O primeiro sentimento penoso só me assaltou quando dirigi o pensamento para o meu caro irmão; porém, minha mãe, percebendo-me a inquietação, logo ponderou: "Teu irmão também não tardará a estar conosco." A partir desse instante, todo sentimento penso desapareceu de meu espírito. Pensava na cena dramática que acabara de viver, unicamente com o fito de levar socorro aos meus companheiros de desgraça. Logo, entretanto, vi que estavam salvos das águas, do mesmo modo por que eu o fora. Todos os objetos me pareciam tão reais à volta de mim que, se não fosse a presença de tantas pessoas que sabia mortas, teria corrido para junto dos naufragos.

Quis informar-te de tudo isto, a fim de que possas mandar uma palavra de consolação aos que imaginam que

os que lhes são caros e que desapareceram comigo sofreram agonias terríveis, ao se verem presas da morte. Não há palavras que te possam descrever a felicidade que experimentei, quando vi que vinham ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas a quem mais amei na Terra e que todas acudiam a me dar as boas-vindas nas esferas dos imortais. Não tendo estado enfermo e não tendo sofrido, fácil me foi adaptar-me imediatamente às novas condições de existência. . .”

* * *

Não obstante já razoavelmente extenso o presente capítulo, aproveitando o ensejo do lançamento de mais uma versão cinematográfica de *Os Miseráveis*, no Brasil, recapitulemos o drama vivido por Victor Hugo, estudioso do Espiritismo, citado por Allan Kardec, às páginas 233 do Vol. VI; 58 do Vol. VIII; e 10-20 do Vol. XII da *Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos* (Edicel, São Paulo), que extraímos de *Victor Hugo*, da coleção Os Gigantes da Literatura Universal⁵:

“Conhece a tragédia pelos jornais: Didine morrera afogada

No limiar da maturidade, em plena curva ascendente da glória e fortuna, o poeta foi atingido na mais terna e mais pura das suas afeições: a que o unia a Léopoldine, a filha mais velha. Léopoldine — Didine para a família — tinha casado, em Fevereiro, com o rapaz de quem

5 *Victor Hugo, OS GIGANTES da Literatura Universal, Versão portuguesa de Fernando Melro (antologia) e de José de Nel-Castro (outros textos)*, Editorial Verbo, 1972, pp. 20-30.

Sobre as famosas sessões na casa de Victor Hugo e a comunicação do Espírito de Léopoldine, através das “mesas falantes”, na ilha de Jersey, gráças à iniciativa da Sra. Émile de Girardin, consultemos as páginas 139-182 de *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, de Zéus Wantuil (1a. edição, FEB, Rio, 1958), e as páginas 221-226 de *Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo*, de Sylvio Brito Soares (1a. edição, FEB, Rio, 1962).

gostava: Charles Vacquerie, na verdade um “bom partido”, o filho mais velho duma rica família de armadores estabelecidos no Havre. O jovem casal foi viver para Villequier, na margem direita do Sena, não longe do mar. Partindo para férias do Verão de 1843 (na companhia de Juliette Drouet, como era costume), Victor Hugo esteve com a filha no Havre: ela estava grávida de três meses e parecia no cúmulo da felicidade. Contudo, no momento de dizer adeus ao pai — sabe Deus com que pressentimento —, pôs-se a suplicar-lhe que não partisse. Foi um adeus impregnado de tristeza; e a viagem por Espanha não representou mais que alguns momentos ilusórios. Uma angústia inexplicável acompanhava o escritor nos seus passos. No regresso, apossou-se dele uma inquietação febril. a 9 de Setembro, ao voltarem a França, os dois viajantes pararam num café de Rochefort para se refrescar e ver os jornais, que já não liam havia dias. Abrindo ao acaso um, Hugo soltou uma exclamação abafada: “É horrível!”, e ficou como que fulminado. O jornal dava todos os pormenores da morte da filha e do genro, que tinham perecido no Sena havia cinco dias, próximo de Villequier. Tinha sido o epílogo trágico e brutal de um passeio de barco: uma brusca rajada de vento voltara a frágil embarcação, precipitando os ocupantes na água. Charles Vacquerie, excelente nadador, quis salvar a esposa, mas ela, louca de terror, agarrava-se à quilha do barco. Então, vendo que não conseguia desprendê-la, deixou-se ir a pique com ela. Foram ambos sepultados no mesmo túmulo no pequeno cemitério de Villequier. Victor Hugo fica abatido por profunda mágoa, mais agravada ainda porque não se considerava isento de culpa. Perguntava a si mesmo sem cessar se “o pai de família não estaria já a pagar os erros do amante, que tinha deixado de velar pelos seus.” De fato, a trágica notícia tinha-o surpreendido longe da família, em companhia de Juliette. Desde então, todos os anos, na data fatídica, fez uma peregrinação a Villequier; quando

do foi obrigado a exilar-se, continuou a visitar o lugar, em pensamento e por meio da poesia."

* * *

Acatando amável sugestão de nossos Editores, por já estar de há muito esgotada a edição do *Anuário Espírita 1964*, e por não ter o *Presença de Chico Xavier* saído com os fac-símiles que impressionaram tantos leitores na época da publicação, tendo repercutido no Exterior, achamos por bem concluir este capítulo com a página de Wilsom de Oliveira e os referidos fac-símiles — a foto e as assinaturas de um jovem que retornou ao Plano Espiritual, através de um acidente por afogamento.

Que Jesus nos abençoe, hoje e sempre, e possamos prosseguir estudando as obras de Allan Kardec, de modo infatigável, precatando-nos contra qualquer processo obsessivo e nos esforçando no sentido da reforma íntima, imprescindível e inadiável a cada um de nós.

* * *

EVIDENTE DEMONSTRAÇÃO DE QUE A MORTE NÃO É O FIM

Quanto mais estudamos a Doutrina Espírita, procurando na medida do possível tudo passar pelo crivo da razão, à maneira de Kardec, mais nos convencemos do caráter divino do Espiritismo em sua missão de Consolador, e passamos a compreender melhor porque homens da envergadura de um William Crookes, um Alfred Russel Wallace, um Lombroso e tantos outros cientistas eméritos se entregaram, sem qualquer receio, à publicação de obras documentárias de suas próprias experiências ante os fatos espiríticos.

Como não poderia deixar de ser, nos dias que correm, esses mesmos fatos espíritas se multiplicam, em toda parte, à espera de observadores sinceros que os divulguem para benefício de quantos ainda não tiveram o ensejo de sentir, em espírito e verdade, os princípios da Terceira Revelação.

Um dos Inúmeros Fatos

Algo digno de nota, sem dúvida, foi o que se deu na noite de 28 de junho de 1963, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas Gerais, quando, ao final da costumeira reunião pública, o médium Francisco Cândido Xavier, após receber a admirável página de Emmanuel, psicografou curta mensagem, na folha de pedido de orientação que a Sra. Júlia Gomes de Oliveira solicitara, naquele noite.

Evidentemente, o médium Francisco Cândido Xavier, como também todos os demais companheiros da seara espírita uberabense e de outras terras, ali presentes, desconheciam o problema de D. Júlia, ao pedir a orientação espiritual.

A desencarnação na represa

Com os olhos banhados de lágrimas, D. Júlia contou-nos, bem depois do impacto que a mensagem lhe causou, o que se deu, com efeito, meses antes. Wilsom de Oliveira, seu filho e de Bento de Oliveira, nascido a 12 de outubro de 1946, era natural de Barretos, Estado de S. Paulo, onde fez um curso de mecânico-torneiro, até o 2.º ano. Verificando a impossibilidade, em sua terra natal, de cursar a 3.ª série, seus pais tencionaram mudar-se para Uberaba, com o que Wilsom não concordou, julgando que "a sua felicidade estava em Jundiaí", no Estado de S. Paulo, para onde se transferiram, realmente, pouco tempo de-

Julia Nunes de Oliveira - 43 anos

Presente
Orientado

Querida Mamãe,
peço aí talhão para me
abençoar. Vou lhe dar o
tio José rogar a seu coração
paciência e calma. Tentei-
se, inutilmente, de pragas,
dos meus, de mim, sua filha
preferiu dar-me sua fé
e daí sua fé em Deus. Vou
deixar que a minha parte da
morte seja abatida sem o
meu parto. Tudo obedece
às leis de Deus. Estou mais
forte, mas precisando de sua
ajuda, o meu auxílio. Mamãe, faça
conformação, no batedor
os meus, para o bem. Não venha por
para o bem. Não venha por
minha causa. Deixos esta em toda
parte os meus, todos Wilson Oliveira.

Fac-símile da mensagem de Wilsom de Oliveira, psicografada pelo médium Chico Xavier.

pois. Pretendiam, mãe e filho, ir a Barretos, no dia 4 de maio de 1963. Não lhes sendo possível, porém, arranjar os necessários passes, resolveram dar rápido passeio à Fazenda Ipê, em Itatiba, Estado de S. Paulo, naquele dia, quando o rapaz, após ligeiro "mergulhão" em represa de pouca profundidade, de lá foi retirado em péssimas condições físicas, vindo a desencarnar, duas horas depois sendo seu corpo sepultado, posteriormente, em Jundiaí. Sr. Bento e D. Júlia, não obstante espíritas há 23 anos, naturalmente precisavam, principalmente a distinta mãe de Wilsom, pelo menos destas duas frases consoladoras: "Não pense que a minha partida pudesse ser evitada sem o nosso passeio. Tudo obedece às leis de Deus."

Idênticas as assinaturas

A fim de que possamos comprovar a veracidade do fato que ora expomos, não somente pelo que tem de confortador — provando uma vez mais que a morte não cessa no túmulo —, com vistas à documentação, necessária sempre, solicitamos ao leitor observar a semelhança da assinatura de Wilsom quando entre os encarnados e a de Wilsom após a desencarnação, através da psicografia, perante centenas de pessoas.

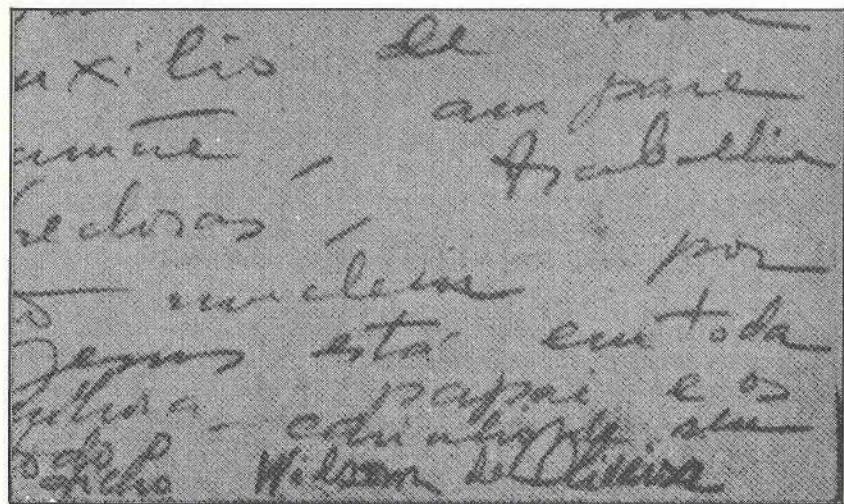
Tais fatos, com efeito, falam por si mesmos, e se prestam à confirmação de que o Espiritismo é, sem dúvida, o Consolador Prometido por Jesus, o Divino Mestre.

A Mensagem consoladora

Querida Mamãe,
Peço à senhora para me abençoar.
Venho com o tio José rogar ao seu coração paciência e calma.



Fac-símile da pág. 9 da Carteira de Trabalho do menor Wilsom de Oliveira. Note-se a semelhança desta assinatura (inclusive com o inabitual *m* do nome Wilsom) com a da página psicografada.



A assinatura da página psicografada em ponto maior.

Lembre-se, mamãe, do papai, dos meninos, de nós todos.

Precisamos da sua coragem e da sua fé em Deus.

Não pense que a minha partida pudesse ser evitada sem o nosso passeio. Tudo obedeceu às leis de Deus.

Estou mais forte, mas precisando de seu auxílio — o auxílio de sua conformação.

Mamãe, ampare as crianças sofredoras, trabalhe para o bem.

Não mudem por minha causa. Jesus está em toda parte.

Para a senhora, papai e os irmãos queridos, todo o carinho de seu filho

Wilsom de Oliveira